

# Representações sociais de um centro urbano, Campinas (SP) – caminhos metodológicos<sup>1</sup>

*Melissa R. da Silva Oliveira*

✉ melinerso@gmail.com

*Maria Tereza Duarte Paes*

✉ paes.tereza@gmail.com

## Resumo

A partir da reflexão sobre o atual processo de refuncionalização das áreas centrais urbanas, este artigo recortou os resultados de uma pesquisa de campo realizada na área central da cidade de Campinas, São Paulo. Baseadas nas representações do espaço identificadas em desenhos elaborados por moradores e usuários em seu cotidiano no centro da cidade, sintetizamos aqui o nosso percurso metodológico, a análise e a interpretação resultante desse material coletado em trabalho de campo. Os resultados obtidos nos permitiram identificar seis categorias a partir das quais integramos os conceitos à empiria; são elas: consumo, circulação, lazer, problemas urbanos, patrimônio cultural e verticalização. Com o objetivo de contribuir para uma reaproximação da geografia humana com os dados primários, delineamos a partir deles o artigo que segue.

\* \* \*

**PALAVRAS-CHAVE:** representações; centro; urbano; Campinas.

---

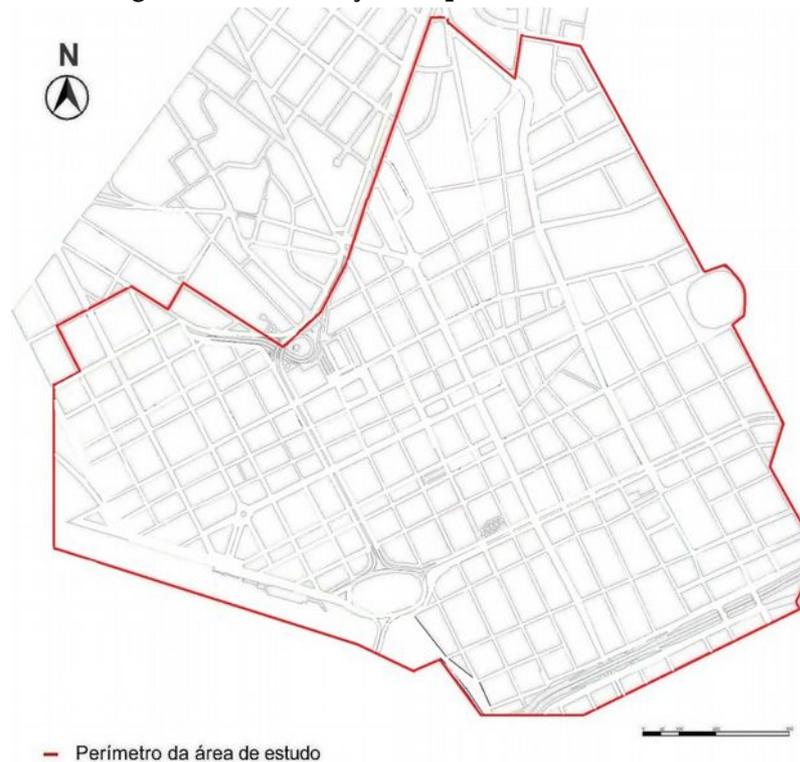
1 Este artigo toma como principal referência os resultados da pesquisa de doutorado realizada por Oliveira (2012).

## Introdução

A cidade não é só materialidade, ruas, construções, monumentos, rios, montanhas, carros, pedestres presentes no espaço de concreto. Os indivíduos que nela habitam, suas ações e representações constituem a alma da cidade, pois atuam tanto na produção do espaço quanto em sua representação. Compõem-na tanto em objetividade (obras, objetos técnicos, bens culturais, paisagem material) quanto em subjetividade (arte, percepções, história, cultura, sensibilidades) – par dialético sem o qual estas não existiriam.

Para desvendar o centro de Campinas pelas suas representações, buscou-se cruzar o “olhar de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002) com “o olhar de longe e de fora”, a partir da visão dos moradores e usuários em seu cotidiano. Entre abril e junho de 2009, foram aplicados 266 questionários à população de usuários e residentes, em todo o perímetro de estudo delimitado (Figura 1)<sup>2</sup>, sem distinção de classe social, sexo e idade.

**Figura 1. Delimitação do perímetro de estudo.**



2 Para uma visão completa do material coletado em trabalho de campo, os questionários aplicados e suas tabulações correspondentes, o mapeamento de uso e ocupação realizado, assim como o recorte espacial pesquisado do centro de Campinas, que foi delimitado a partir dos perímetros oficiais da Prefeitura Municipal de Campinas: Centro Histórico do Conselho Setorial do Patrimônio Cultural (CSPC); UTB 34 – Centro, da Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento; e do Centro Expandido (CSPC), ver Oliveira (2012).

O questionário foi elaborado em três partes distintas. A primeira, com questões fechadas, para caracterização física e social dos entrevistados<sup>3</sup>; a segunda sugeriu a elaboração de um desenho livre sobre o centro de Campinas, executado com o material disponível no momento, sem restrição quanto a sua elaboração. Por isso, encontraram-se desenhos em branco e preto, coloridos, legendados, diversos mesclando texto com imagem e outros utilizando imagens abstratas. Na terceira parte, o entrevistado respondeu a perguntas abertas e semiestruturadas, sem medição de tempo, que buscaram identificar o que os usuários admiravam no centro, o que eles consideram que se perdeu no tempo, os lugares mais frequentados, os principais problemas, o patrimônio cultural presente e o tipo de centro que eles almejam.

Após a aplicação, os dados foram tabulados de acordo com os tipos de informações obtidas. Na primeira parte, a tabulação compreendeu basicamente a quantificação das respostas nestas classes: idade, sexo, renda e profissão dos entrevistados. No que concerne às perguntas abertas do questionário, as respostas referentes a uma mesma pergunta foram agrupadas por temáticas semelhantes. É importante ressaltar que não se tinha a identificação prévia das categorias quando os questionários foram aplicados. A partir do material coletado, as respostas foram agrupadas e classificadas em cinco categorias, por ordem de frequência, a saber: a) consumo, b) circulação, c) lazer, d) problemas urbanos, e) patrimônio, f) verticalização.

O uso de categorias na ordenação do material colhido em campo nos possibilitou uma organização das representações sociais expressas pelos entrevistados, para além de suas percepções individuais. Magnani (2009, p. 109) destaca que as categorias correspondem a planos intermediários em que se pode distinguir a presença de planos e regularidades. Surgem a partir do reconhecimento empírico, na forma de arranjos concretos e efetivos. “Constituem uma espécie de modelo, capazes de serem aplicados a contextos distintos daquele em que foram inicialmente identificados” (idem).

Quanto aos desenhos, identificaram-se os conteúdos presentes em cada um deles e esses conteúdos foram listados e classificados de acordo com as seis categorias consideradas. Os mais representativos tiveram as imagens escaneadas e

---

3 Em uma breve caracterização dos entrevistados, identificou-se que a maioria são mulheres (52,3%) e de idade entre 20 e 40 anos (34,6% acima de 20 e até 30 anos e 28,2% acima de 30 e até 40 anos), o que evidencia pessoas em idade economicamente ativa. A maior parte recebe até 5 salários-mínimos (33,2% acima de 1 e até 3 salários e 26,6% acima de 3 e até 5) e trabalha no comércio (30,1%) ou na prestação de serviços (36,4%), o que vem a enfatizar o perfil do público que utiliza o centro como um lugar de consumo popular.

serviram de subsídio para as análises e discussões. Neste artigo selecionamos apenas uma amostra do material coletado.

### As representações do centro da cidade de Campinas: o olhar dos usuários

A forma urbana, “que figura entre as grandes formas”, na interpretação da produção social do espaço só pode ser compreendida em seu movimento de forma-conteúdo (LEFÈBVRE, 2000, p. 175). Por isso não se lê uma cidade somente pela sua materialidade; a compreensão do material somente ocorre com a atribuição de sentido, afinal “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” (GEERTZ, 1989, p. 15).

“De perto e de dentro” (MAGNANI, 2002), nos aproximamos dessa complexa trama de instituição de sentidos aos centros históricos. Daqueles produzidos no lugar, e do lugar – o centro – interpretado pelas teorias. Esse percurso interpretativo inter-escalar nos fornece um novo entendimento do processo de refuncionalização de centros urbanos.

Embora distante do positivismo funcionalista em termos de método, importa recuperar a relevância do trabalho de campo para a geografia humana, de modo a objetivar o processo estudado em termos de uma totalidade mais abstrata e, por vezes, mais generalista. Também importa estabelecer as relações concretas que possibilitam a ponte entre a teoria e a prática, posto que nosso recorte, em grande medida, é estruturado pela produção da cultura, seja aquela valorizada pelas *rugosidades* (SANTOS, 2001<sup>4</sup>), os sítios históricos, seja a do espaço social vivido no cotidiano, seja pelas ideologias espaciais<sup>5</sup> que produzem *reduções narrativas* ou políticas de imagem que encobrem a complexidade do lugar ao eleger uma única referência histórica significativa (BERDOULAY; PAES, 2008).

As imagens obtidas nas entrevistas foram tomadas como ferramentas de avaliação e interpretação das representações do espaço, com o intuito de coletar

---

4 Lembrando que, segundo Santos (2001, p. 24-25), “na questão da remodelação do centro urbano, pelo menos duas óticas se defrontam, a da economia política e a da memória urbana. A economia política da cidade supõe o jogo das forças de mercado mais a regulação por ação ou omissão do poder público. Quanto à memória, tanto ela pode ser herdada do passado, como, simplesmente, projetada no futuro. A paisagem é uma herança que pode ou não ser preservada; ela também pode ser deliberadamente construída para tornar-se simbólica”.

5 Para Debord (1997, p. 137) “os fatos ideológicos nunca foram simples quimeras, mas a consciência deformada das realidades, e, como tais, fatores reais que exercem uma real ação deformante; tanto mais que a *materialização* da ideologia provocada pelo êxito concreto da produção econômica autonomizada, na forma do espetáculo, praticamente confunde com a realidade social uma ideologia que conseguiu recortar todo o real de acordo com seu modelo”.

dados subjacentes sobre dimensões do espaço que ficariam fora do alcance de outros métodos de pesquisa. O uso de imagens como forma de expressão possibilitou a captura de uma outra narrativa, em relação ao texto escrito. O intuito não foi ilustrar o que já se conhecia, mas sim olhar a cidade a partir dos desenhos e utilizá-los como um convite à reflexão. Ressalte-se que foram os desenhos que abriram as possibilidades para discussão e trouxeram indicativos para a identificação e a seleção das categorias. Concordando com Gomes (2011, p. 13), “as imagens são formidáveis veículos de comunicação e de conhecimento”, pois podem nos conduzir a “compreender coisas novas, isto é, podemos aprender com elas”.

As reflexões aqui apresentadas não esgotam as possibilidades de análise e interpretação dessas imagens. Os desenhos também não devem ser classificados como rascunhos, esboços; eles correspondem à expressão de um ponto de vista específico do mundo, evidenciam marcos visuais subjetivos e objetivos, símbolos compartilhados pelos usuários da área que “nos remetem às relações entre sensibilidade e racionalidade” (NIEMEYER, 1994, p. 21). Para Arantes (2000, p. 122), as representações do centro realizadas por seus usuários não são indiferentes aos marcos e monumentos da paisagem oficial. “Ao contrário, elas articulam experiências sociais a um espaço, dando-lhes um contexto e significações particulares”.

Na pesquisa realizada, os desenhos contribuíram para evidenciar expressões não reveladas na paisagem do centro de Campinas: as edificações que foram demolidas, as funções que se transformaram, as centralidades que se deslocaram, os símbolos e os significados consagrados por cada momento histórico, político e social, os marcos simbólicos e visuais traçados a partir do cotidiano vivido por seus usuários. As chaves da interpretação somente podem ser explicitadas por meio do recorte sociocultural e ideológico que perpassa as representações elaboradas para o espaço geográfico:

Incorporar essas reflexões ao geográfico torna-se imprescindível, pois vivemos num mundo onde imagens e linguagens adquirem cada vez mais importância, portanto o desafio é decodificar essas leituras visando à compreensão dos processos de construções sócio-culturais e consequentemente apontar novas diretrizes para se desvendar a organização espacial (KOZEL, 2005, p. 7295).

Os desenhos permitiram um apoio gráfico a um processo de elaboração da representação do espaço urbano. Eles apresentaram muitos aspectos comuns com os das respostas aos questionários; por isso, decidiu-se analisar de forma igual os seus conteúdos, estruturados a partir das categorias neles identificadas. As análises e interpretações se deram por meio dos resultados da pesquisa empírica realizada, da

realidade presente nas áreas do recorte espacial estabelecido e dos referenciais teóricos que subsidiaram a nossa reflexão.

### O centro de Campinas: as categorias norteadoras da análise

O centro de Campinas atrai público para uma diversidade de funções: atrativos culturais, praças, conjuntos comerciais, bares, lanchonetes, serviços, trabalho, lazer e conveniências. Por isso, vive uma ocupação coletiva e heterogênea, estimulada por um aglomerado de pessoas as quais determinam fluxos dinâmicos que cruzam o centro a todo o momento. As categorias identificadas nas representações dos diferentes tipos de usuários no seu cotidiano são um instrumento de grande valia para orientar as ações de planejamento urbano. Elas colocam em cheque as imagens oficiais e apontam questões que, muitas vezes, não são captadas pelos agentes promotores dos projetos urbanos.

### Consumo

Nas questões “Ao se falar sobre o centro de Campinas qual a primeira coisa que te vem à cabeça?”, “O que você mais gosta no centro?” e “Quais os espaços/lugares do centro que você mais utiliza?”, o consumo é sobejamente o que mais a população, de todas as idades, procura e valoriza no centro.

A sociedade de consumo se caracteriza pelo desejo recorrente de aquisição de bens e serviços, seja nas classes mais ricas, que enaltecem o supérfluo, o excedente e o luxo, seja nas classes populares, que também buscam fazer parte de tal sociedade movida por desejos de um “hiperconsumidor” (LIPOVETSKY, 2007) – que busca experiências emocionais de maior bem-estar, de qualidade de vida e de saúde, de autoestima, de marcas identitárias, de imediatismo e de comunicação.

Após processos de degradação e abandono, particularmente após a grande crise dos anos 1970, o consumo manteve o seu papel nas áreas centrais, mas, no Brasil, está agora vinculado ao consumo popular, aos serviços mais tradicionais e às práticas distanciadas das elites, que passaram a frequentar e consumir nos shoppings centers.

Consideraram-se as subcategorias comércio e serviço para agrupar as respostas, devido à grande concentração de lojas populares no recorte espacial adotado (561 indicações, sendo esta a maior frequência, consideradas todas as perguntas), o que atrai um grande fluxo de pessoas que incrementa a economia do município. Com menor frequência (83), os serviços também foram indicados, especialmente a presença de diversos setores prestadores de serviços, além dos bancos que possuem agência central/principal nessa área, fazendo do local um importante território financeiro.

Nas cidades brasileiras, sobretudo nas áreas centrais, o circuito inferior da economia ganha visibilidade nas paisagens, como ressalta Silveira (2015, p. 147-148):

Nos centros antigos e deteriorados das metrópoles (...) podemos observar uma profusão de formas simples de fabricação, comércio e serviços, incluindo especialmente a reparação de objetos banais e de objetos tecnológicos avançados. Do concerto de painéis ao de computadores e celulares, esse conjunto de agentes participa do tempo da globalização e amplia, ao seu ritmo, a base técnica contemporânea. Eis o circuito inferior, cujos atores amiúde dividem e unificam o trabalho, não sem bulício, em espaços públicos. São paisagens onde os corpos estão presentes, os capitais são pequenos e as combinações técnicas podem ser surpreendentes.

Esse circuito inferior da economia, tantas vezes negado e tomado como informal ou ilegal, e mesmo considerado de forma preconceituosa em algumas entrevistas, é constituinte do circuito superior da economia e, em grande medida, auxilia em sua reprodução. É a forma de inserção dos grupos populares na economia e, em Campinas, esse processo não é diferente. O chamado comércio informal movimentava a economia e funciona como alternativa de acesso a produtos variados de uma parcela representativa da população de baixo poder aquisitivo que se encontra fora do mercado formal do trabalho. Embora esse problema não seja exclusivo de nossas cidades — em Milão, na Itália, e em Barcelona, na Espanha, os camelôs que comercializam objetos e grifes internacionais estão sempre às voltas com a polícia —, em Campinas, o comércio informal instalado na área central da cidade já foi objeto de vários debates, pesquisas, preconceitos sociais e intervenções por parte do poder público.

Para uma gestão de conflitos e de modo a não expulsar ou enclausurar esses comerciantes e consumidores nos famosos *camelódromos*, é preciso incorporá-los à economia política da cidade e negociar suas territorialidades. Afinal, a vitalidade das áreas centrais sobrevive justamente por meio da diversidade dos seus usos. A elitização que ocorre em inúmeros processos de revitalização<sup>6</sup> urbana tem alterado a própria natureza das áreas centrais que é, historicamente, a de ser o lugar da participação política, da negociação dos conflitos de uso e apropriação do solo.

O comércio e o consumo ainda aparecem nas indicações de lanchonetes, bares e restaurantes e de lojas tradicionais do centro, particularmente as da Rua Treze de Maio, com o grande centro de compras que é o seu *calçadão*. Nas respostas, foi predominante a quantidade de pessoas com renda de 1 até 5 salários-

---

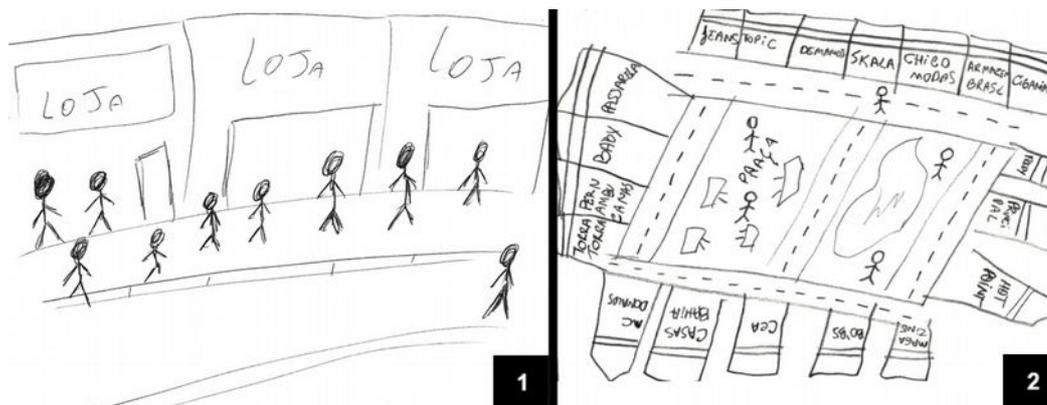
6 Termo controverso e já criticado por inúmeros especialistas no assunto, utilizado aqui por ser aquele divulgado no discurso oficial da Prefeitura Municipal de Campinas e na imprensa local.

mínimos e com menos de 40 anos de idade, o que mostra que os mais jovens constituem a grande massa de consumidores.

Os lugares de consumo coincidem com os lugares históricos de acumulação do capital, com o espaço da produção e o espaço produzido. O consumo do lugar é um consumo improdutivo e corresponde ao aglomerado de lojas, vitrines, mostras; é pretexto para reunião de pessoas e coisas num mesmo lugar, que congrega as pessoas. O centro é um “lugar de encontros, de convergência das comunicações e das informações, da roda de amigos, momento do lúdico e do imprevisível” (LEFEBVRE, 2001, p. 131). É, ao mesmo tempo, “espaço de consumo” e de “consumo do lugar” (LEFEBVRE, 2000).

O consumo é lembrado com imagens representativas de lojas, vitrines, pessoas segurando sacolas, bancas de camelôs e placas de promoção, multidão e indicação de serviços, dentre outros signos simbólicos.

**Figura 2. Desenhos de Rafael e Aline – forte alusão ao consumo. 1. Rafael, 25 anos, mais de 10 salários, publicitário; 2. Aline, 20 anos, 2 salários, atendente<sup>7</sup>.**



A Figura 2 apresenta o consumo com desenhos de letreiros genéricos e fachadas de prédios, além de elevada afluência de frequentadores da área central. A Figura 3 expõe os desenhos de três pessoas felizes com suas sacolas de compras, em um indicativo da realização vivida pelo indivíduo no consumo de mercadorias. Essa realização, ou felicidade temporária muitas vezes paga a prazo, constitui, segundo Baudrillard (2010), a referência absoluta da sociedade de consumo, porque o consumidor não busca somente bem-estar material: busca um bem distintivo social.

7 A fonte de todos os desenhos de moradores e usuários apresentados neste artigo resultou do material coletado em trabalho de campo realizado em 2009 (OLIVEIRA, 2012).

Essa mercadoria-felicidade é bastante paradoxal, como observa Lipovetsky (2007, p. 15), pois a busca por satisfazer aspirações no mercado é a prisão em uma cadeia infinita de desejos sempre renovados. Jamais os objetos poderão nos dar essa sensação de completude; há sempre um objeto do desejo que falta, e essa ilusória equação é perfeita para a reprodução do mercado capitalista, agora também especulativo dos produtos simbólicos que nos vendem a ilusão de estarmos incluídos socialmente, de fazermos parte de um grupo, de termos uma identidade que é associada ao objeto de consumo.

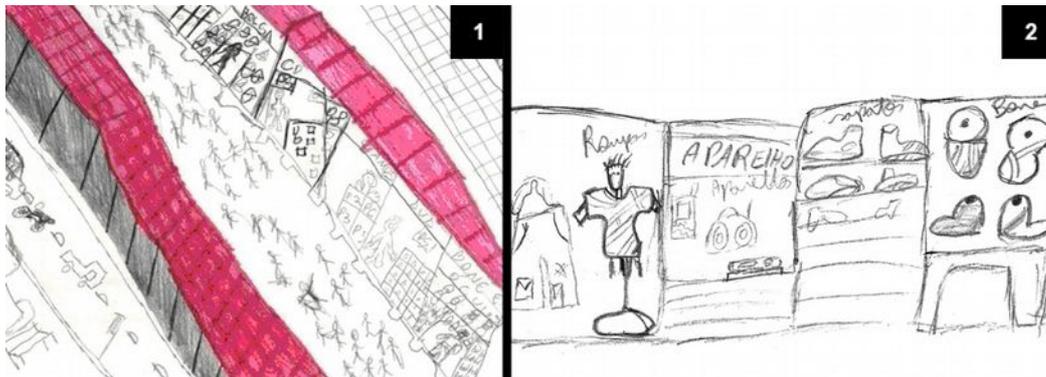
**Figura 3. Desenhos de Romário e Agatha – alusão ao centro como espaço de consumo. 1. Romário, 25 anos, 1-3 salários, vendedor; 2. Agatha, 23 anos, 3-5 salários, secretária; 3. Homem, 17 anos, 5-10 salários, pedreiro.**



Isso vem ao encontro da opinião de grande parte dos entrevistados que entendem o centro como um espaço de consumo, o qual ocupa um papel de protagonista no cotidiano das pessoas. E o comércio popular e informal também reproduz essa concepção.

A Figura 4 faz alusão ao Centro Popular de Compras situado próximo ao terminal da Avenida Senador Saraiva, uma sequência de boxes cobertos, de camelôs, que delimitam um corredor com inúmeras pessoas em circulação e anúncios de produtos negociáveis – bonés, CDs, DVDs, bolsas, sapatos, aparelhos eletrônicos e roupas. A população, de maneira geral, não se opõe ao comércio informal: argumenta que este oferece preços mais baratos e de fácil acesso às mercadorias. Porém, alguns criticam essa atividade pela sujeira e pelos danos estéticos causados à cidade, pelos prejuízos ao comércio estabelecido e por facilitar a ação de marginais.

**Figura 4. Desenhos de Ruan e Luiza – camelódromo. 1. Ruan, 18 anos, 1-3 salários, estudante; 2. Luiza, 25 anos, 3-5 salários, bancária.**



A heterogeneidade de usos do centro concilia o consumo de mercadorias e serviços com o consumo do lugar nas práticas de manifestações religiosas, circulação, recreação, diversão e entretenimento.

Em relação ao comércio informal, acredita-se que não é a expulsão dos vendedores ambulantes do centro que resolverá os problemas do desemprego, do subemprego, da pauperização e da vulnerabilidade social. A informalidade constitui um grande desafio para o poder público e precisa ser tratada por políticas públicas integradas e inclusivas socialmente.

### **Circulação**

A circulação se evidenciou como uma categoria de grande frequência nas respostas dos entrevistados e, portanto, significativa na discussão e na análise do centro de Campinas. Isso se justifica pelo fato de o centro ser cortado por vias de trânsito rápido, anéis de circulação, corredores viários e possuir fácil conexão com todas as regiões da cidade.

A dona de casa Kelle (31 anos, 1-3 salários) aponta a necessidade de se utilizar o transporte coletivo para acessar o centro e realizar suas atividades: “a gente tem que usar ônibus para ir ao supermercado, para ter lazer, estudar. Chegar ao Centro leva mais de uma hora”. A região central de Campinas acumula um grande leque de oportunidades de compras e serviços e, por isso, a mobilidade assume grande importância no sentido de ampliar para um maior número de pessoas o seu acesso.

Tráfego intenso ou elevado número de carros foram elementos relevantes, na opinião dos inquiridos. No que concerne ao que se gosta ou o que se gostaria no centro, as pessoas apontaram: pouco trânsito (5), menos tráfego (13), sem carros (5). Nas respostas acerca dos lugares de maior utilização, indicaram: ruas (16),

genericamente, ou ainda citando nomes de algumas vias importantes do território central. Eduardo (38 anos, 3-5 salários, professor) gostaria que não houvesse circulação de ônibus no centro, e Flávio (30 anos, 3-5 salários, modista) sonha com um “centro sem carros, onde pudesse voltar a usar os bondes, bicicletas (estilo Amsterdã), com grandes calçadas”. A ineficiência do transporte público, uma malha viária antiga, anterior à disseminação do automóvel como opção individual de transporte, e o número insuficiente de garagens também foram problemas acentuados pelos entrevistados.

A grande maioria das referências acerca da circulação foram de pessoas com idade até 40 anos e faixa salarial de 1 até 5 salários. Isso indica que pessoas mais jovens e de poder aquisitivo limitado são os maiores frequentadores do centro. Os desenhos apontaram para o alto fluxo de pessoas e veículos que circulam pela área central e, ainda, para problemas com o transporte. Evidenciaram um centro cujo contato se faz tanto por pessoas fechadas em automóveis ou nos transportes coletivos, quanto pelo contato físico das pessoas que caminham pelas calçadas, pela Rua Treze de Maio e pelas praças, numa demonstração de que os usuários identificam o centro e se apropriam dele de forma distinta. Ferrara (2000, p. 134) ressalta que

A rua, a avenida, a praça, o jardim, o passeio são espaços do coletivo, da mescla de pessoas, de hábitos, de opiniões, da apropriação conjunta (...); são espaços de estar, ver, sentir e estão muito distantes da funcional artéria destinada ao deslocamento.

A Avenida Francisco Glicério<sup>8</sup>, mencionada diversas vezes nas respostas do questionário, apareceu com grande destaque nos desenhos, numa prova de que a Glicério não é somente uma artéria importante de deslocamento do centro, mas também um marco referencial significativo da cidade.

A Figura 5 revela diversos aspectos dessa avenida. O desenho da esquerda a mostra repleta de carros e, abaixo dela, a frase “muito congestionamento”, elucidando como é o dia a dia desse espaço. O mesmo ainda destaca uma faixa de pedestres em frente à Catedral Metropolitana e a Rua Treze de Maio, como uma sinalização para a “entrada dos pedestres” no calçadão. O desenho da direita evidencia o quarteirão em que se situa a Catedral, delimitado pelas ruas Treze de Maio, Costa Aguiar e pela Avenida Francisco Glicério. A Rua Treze de Maio é

8 Grande parte do projeto de “revitalização” da Avenida Francisco Glicério foi entregue em 2016, na gestão do prefeito Jonas Donizette (PSB), com investimentos de R\$ 33 milhões, divididos entre Prefeitura Municipal, Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL), Sociedade de Abastecimento de Água e Saneamento S/A (Sanasa) e empresas de telefonia. A avenida recebeu iluminação *led*, expansão da rede de telefonia, renovação da rede de água e esgoto e ampliação da calçada, com projetos de colocação de quiosques e arborização (BACCHETTI, 2016).

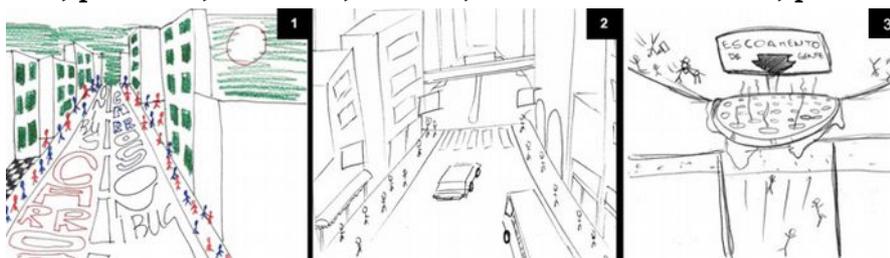
representada por um aglomerado de pessoas e lojas, enquanto a Glicério remete à ideia de congestionamento, em vista da grande quantidade de carros desenhados.

**Figura 5. Desenhos de um homem e de Rafael – Avenida Francisco Glicério: congestionamento. 1. Homem, 51-60 anos, mais de 10 salários-mínimos, prestador de serviços; 2. Rafael, 17 anos, 5-10 salários-mínimos, auxiliar de escritório.**



A Figura 6 expõe o eixo de perspectiva da Avenida Francisco Glicério, marcado pela sua linearidade e pela racionalidade ao longo da avenida, sem barreiras físicas ou visuais. O trânsito intenso que nela circula é representado pelas palavras “carros” e “ônibus”. O movimento de pessoas é expresso nas calçadas, e seu colorido transmite a ideia de diversidade racial, de classes, idades, sexos, da mescla de pessoas, tão característica do centro. O desenho da direita mostra, em perspectiva, o final da Avenida Francisco Glicério, no viaduto, em que ela é sobreposta pela Avenida Aquidabã. A imagem demonstra a presença de carros e ônibus no leito carroçável das vias e pessoas andando nas calçadas. A verticalização é marcada pela sequência de edifícios altos que definem a via.

**Figura 6. Desenhos de Cristiane e de um homem – Avenida Francisco Glicério: linearidade, congestionamento e verticalização. 1. Cristiane, 38 anos, mais de 10 salários-mínimos, arte-educadora; 2. Homem, 46 anos, 5-10 salários-mínimos, professor; 3. Murilo, 19 anos, 5-10 salários-mínimos, publicitário.**



Desenhos humorísticos também foram elaborados pelos inquiridos. No desenho de Murilo, pessoas são engolidas por um bueiro onde há uma placa dizendo “escoamento de gente”.

Essas representações vêm confirmar que a condição de circulação no centro de Campinas apresenta problemas de congestionamento e circulação de pedestres pelas ruas estreitas, que não comportam o fluxo que por elas transitam. As intervenções de renovação urbana são necessárias, mas deve-se atentar para que os perigos da elitização, já tão recorrentes em inúmeras áreas centrais gentrificadas, não descaracterizem usos tradicionais ou mesmo expulsem seus atuais usuários.

### **Lazer**

Na contemporaneidade, as atividades desenvolvidas no lazer tornaram-se também práticas de consumo. Nessa direção, o lazer também representa um novo tipo de mercadoria, estreitamente vinculado ao consumo do espaço, de tal forma que as centralidades comerciais se tornam espaços de lazer, prontos para serem abstratamente consumidos. Lefebvre (2001) ressalta que a sociedade de consumo esboça o espaço lúdico (centros de lazeres, lugares de férias) que coexiste com espaços de troca e de circulação, com os espaços político e cultural.

Nos vários processos de gentrificação, os centros são estetizados e convertidos em palco de espetáculos. Por toda parte, ruas para pedestres, cafés, restaurantes, butiques de moda, lojas de artesanato, galerias de exposição, cinemas, centros culturais, museus e hotéis transformam o espaço urbano em cidade recreativa pronta para o consumo mercantil e cultural. Tem-se verificado uma mudança de postura das pessoas no sentido do consumo de produtos para um consumo de sensações, experiências e convivência, o que reforça a associação entre as atividades de lazer e de consumo.

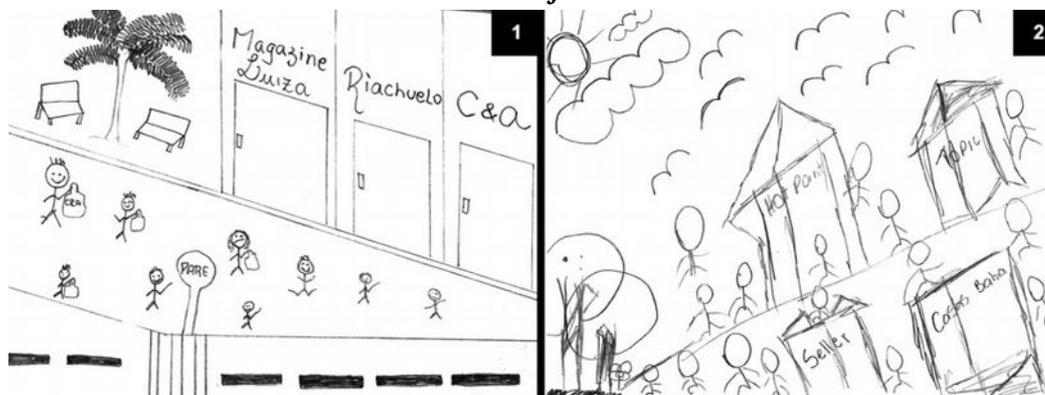
No centro se vive o consumo com uma profusão imensa de produtos, imagens e serviços, permitindo que cada pessoa possa compor, à sua preferência, o tipo de atividade que pretende desenvolver. Isso se justifica pelo crescimento das cidades e pela separação das funções – zonas comerciais, zonas residenciais –, o que provoca o isolamento de seus habitantes e os obriga a buscarem alternativas de lazer distantes de seus locais de moradia.

A Figura 7 ainda registra duas imagens que simbolizam o consumo, mas já apresenta dois elementos diferenciados. No primeiro, uma praça onde se encontram várias pessoas, remetendo ao uso do espaço público – reunião de amigos, lugar de encontros, brincadeiras, divertimento. No segundo aparecem algumas árvores e, na

parte superior, o céu, com sol e nuvens, indicando uma composição que vai além do consumo de mercadorias, mas um centro de lazer – lugar a céu aberto.

Segundo nossa pesquisa, as opções de lazer mais procuradas pela população no centro são: bares e restaurantes (83), passear/andar/diversão/recreação (151), entre outros. Ressalte-se que as respostas foram dadas, em sua maioria, por pessoas até 40 anos. Quanto à renda, somente os que recebem menos de um salário-mínimo tiveram pouca representatividade. O Facca Bar, o Éden Bar e a choperia Giovanetti foram destacados por homens que ganham mais de 10 salários-mínimos, o que confirma suas posições como bares tradicionais da elite campineira.

**Figura 7. Desenhos de Ingrid e Daniela – prática do lazer com o consumo do espaço. 1. Ingrid, 21 anos, atendente; 2. Daniela, 24 anos, 1-3 salários, caixa de loja.**



A população anseia, ainda, por outros tipos de espaços de lazer. Ao ser indagada sobre o que mais gosta no centro, diversas opções de recreação e divertimento foram mencionadas: passear/andar (12), lugares aprazíveis (8), Bosque dos Jequitibás (4), mais locais de recreação (12), de cultura (10), de divertimento (10), para a prática do esporte (4), entre outros. Os indicativos dos problemas do centro relativos ao lazer não tiveram representações significativas.

Nas respostas às perguntas, diversas pessoas escreveram frases expondo seu imaginário com relação ao centro ideal para Campinas:

Um centro com mais segurança, volta dos cinemas, mais vida noturna (bares e restaurantes) (Eduardo, 38 anos, 3-5 salários, pedreiro);

Centro limpo, seguro, com flores e canteiros bem cuidados, prédios restaurados e bem pintados, onde moradores pudessem passear a pé com segurança e prazer – seria mais uma opção de lazer, ou seja, um

centro em que ele próprio fosse a atração (Maria, 41-50 anos, 3-5 salários, empregada doméstica).

Os depoimentos permitem concluir que a falta de segurança no centro consiste em um dos fatores de estagnação de manifestações culturais no local e no impedimento à instalação de mais bares, restaurantes e espaços de cultura.

A Prefeitura Municipal de Campinas propôs algumas experiências de revitalização do centro, em que se previam a valorização da cultura e a inserção de alguns equipamentos culturais para incentivar as atividades de lazer na área central. Em entrevista ao jornal *Correio Popular* de 2 de maio de 2010, a arquiteta Débora Frazatto destacou que

As pessoas não querem morar em uma região sem atrativos. Os bancos e lojas fecham no final da tarde. E ruas desertas viram campo fértil para a marginalidade. A comunidade precisa ter atrações culturais, estabelecimentos comerciais funcionando em qualquer hora. O centro precisa ter vida (FÉLIX; VERZIGNASSE, 2010, p. A6).

Apesar dessas diversas propostas, a maioria não saiu do papel. O Centro Cultural Evolução faliu, os cinemas do centro fecharam, a Estação Cultura, que deveria funcionar como um aglutinador cultural, promove apenas alguns eventos esporádicos, a grande maioria dos bares da área central fecha cedo devido à insegurança e ao medo resultante desse processo. Enfim, a associação do centro como um lugar de lazer, embora tenha sido referendada pelos entrevistados, está mais vinculada ao consumo de mercadorias, de serviços, e ao consumo do espaço no período diurno.

### **Problemas urbanos**

A população das grandes cidades brasileiras, como Campinas, enfrenta problemas de várias ordens, devido à urbanização acelerada sem devido planejamento. Os problemas são diversos: questões socioambientais, de desigualdade social, desemprego, saúde, educação, segurança, saneamento e infraestrutura. Na opinião dos inquiridos, problemas como esses são observados no cotidiano do centro de Campinas: violência (237), poluição/degrado (102), político/social (137) e infraestrutura (189) foram os elementos indicados com maior frequência.

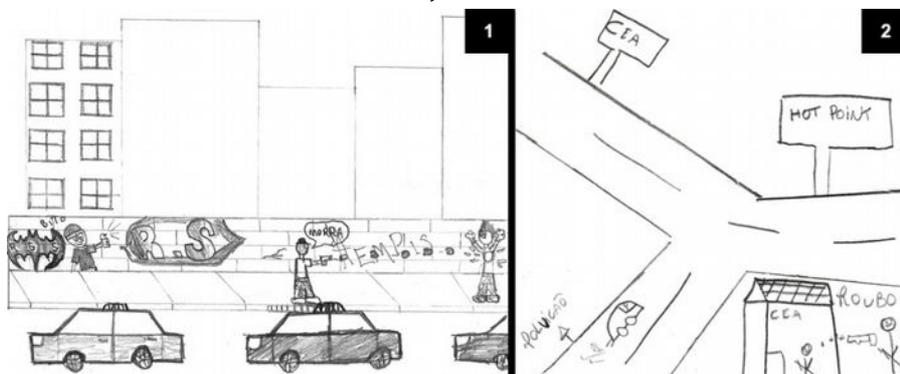
Foi o grupo de pessoas mais jovens (até 40 anos), independentemente de classe social e sexo, o que mais respondeu às perguntas relativas à referida categoria. A faixa de renda predominante desse grupo é de 3 a 5 salários-mínimos. Um exame mais detalhado permitiu apontar que a violência constitui um dos pontos de maior inquietação por parte dos frequentadores do centro.

Quando perguntados sobre os problemas dessa área, medo/insegurança são apontados 122 vezes. Para Aline (19 anos, estudante), os problemas são “a falta de segurança, os mendigos, os assaltos, a poluição visual, sonora, as calçadas e ruas sujas”. Segundo Carlos (16 anos, estudante), os problemas são “muitos mendigos, crianças de rua e poluição”. Quando indagados sobre o que se perdeu no centro, a segurança foi apontada 69 vezes e a tranquilidade, 29 vezes. Rafael (37 anos, 5-10 salários-mínimos, auxiliar de escritório) relata que sente falta da “tranquilidade de andar no centro de Campinas sem medo”.

Com uma população estimada em 1.173.370 habitantes para 2016 (IBGE, 2016), Campinas registrou, em 2013, 136 homicídios no ano, 23,6% acima da taxa considerada “aceitável” pela ONU – 10 mortes para cada 100 mil habitantes (STEGANHA, 2014).

Problemas relativos aos aspectos sociais também foram citados, tais como mendigos (58), ambulantes (22) e prostituição (7). No que concerne à infraestrutura, uma variedade de elementos foi mencionada: sujeira (42), calçadas/ruas esburacadas (19), calçadas/ruas estreitas (9), enchentes (7), além de falta de iluminação, estado de conservação, falta de espaço, de sinalização, de banheiros públicos, entre outros. Para Ingrid (19 anos, estudante), no centro há “falta de organização, muitas pichações e sujeira”. João Carolino (58 anos, 1-3 salários-mínimos, porteiro) relatou que o escoamento da água de chuva é um problema do centro, pois “quando chove as ruas inundam facilmente”, fato socioambiental que remete a uma malha urbana antiga, com ruas estreitas e difícil escoamento pelos velhos bueiros para novos usos. Referências a ausência ou degradação do mobiliário urbano nos espaços públicos, tais como lixeiras e bancos, também foram representadas.

**Figura 8. Desenhos de Richard e Rafael: cenas de violência. 1. Richard, 14 anos, 3-5 salários-mínimos, estudante; 2. Rafael, 14 anos, até 1 salário-mínimo, estudante.**



A Figura 8 retrata cenas de assalto e violência. Melgaço (2008, p. 451) define violência como “todos os atos lesivos aos interesses individuais e sociais, quer sejam eles reconhecidos pelo direito ou não”.

Um aspecto relevante, neste caso, refere-se ao fato de a violência alterar a rotina de diversos usuários. Comerciantes são obrigados a fechar seus estabelecimentos mais cedo e estudantes a voltar da escola em grupos, para não serem assaltados. Conforme artigo do jornal Correio Popular (GALLACCI, 2010, p. A4), a violência impõe um “toque de recolher no centro”, “um começa a fechar e os outros vão atrás”, a partir das 18 horas, com medo da violência.

Para Melgaço (2008, p. 450), é a “cultura do medo, fruto da violência da informação promovida pela mídia, o principal incentivo para o surgimento de formas urbanas segregadoras e violentas”, que restringe o uso do espaço e impede que os usuários “vivam a cidade” e, por consequência, deem vida a seus equipamentos. Como ressalta Jacobs (2001), são os donos de padaria, lanchonetes, lojas, mercearias e outros pequenos estabelecimentos que conformam os “olhos atentos” e os “proprietários naturais da rua”, os quais usam e vigiam o espaço durante todo o tempo.

O Viaduto Miguel Vicente Cury, o Terminal Central de ônibus municipal e o Centro Popular de Compras 2 definem outras territorialidades caracterizadas pelo consumo de drogas, por moradores de rua e pelo comércio informal. Os usuários de drogas se escondem em becos, sob o viaduto, enquanto moradores de rua utilizam o espaço para dormir e guardar seus pertences. Os informais reclamam da falta de policiamento e alegam que a área se transformou em um grande banheiro a céu aberto.

Quanto à prostituição, ela é uma prática que ocorre tanto no período diurno quanto no noturno. No período diurno, encontra-se a prostituição feminina ao redor da Catedral e no entorno da Estação Fepasa, onde existem muitos hotéis baratos e pensões utilizados para essa prática. No período noturno, a prostituição se espalha por diversos pontos do centro, tais como as ruas Barão de Jaguará, Conceição, Dr. Quirino e Cônego Cipião, divididas por mulheres e travestis, que prevalecem na Avenida Aquidabã e no entorno da Casa de Saúde.

Essas diversas territorialidades pontuam áreas de conflitos formalizadas na dimensão do cotidiano e remetem à dinâmica do espaço dos excluídos dos processos econômico, político e social hegemônicos. É importante que se recoloca a pobreza em uma nova centralidade no social. Santos (2001) ressalta que nos tempos de hoje, a cidade é o grande espaço onde os pobres podem existir. Dessa maneira, contrapõem-se e justapõem-se no espaço da cidade as zonas opacas, onde

vivem os pobres; e as zonas luminosas, “espaços de exatidão” (SANTOS, 2001, p. 326).

Outro tipo de problema urbano encontrado em Campinas e apresentado nas entrevistas e desenhos é referente à pichação de imóveis. O Palácio dos Azulejos, menos de um ano após o término do restauro, teve os azulejos da fachada pichados. A sede da Banda Carlos Gomes teve sua fachada pichada na semana seguinte a sua reinauguração. O mesmo ocorreu com a fachada neoclássica do Edifício Roque de Marco, em frente à Estação Cultural. Essas críticas apresentadas pelos entrevistados vêm confirmar a preocupação das pessoas com o embelezamento da cidade, sobretudo no que concerne à conservação dos edifícios e à pichação. Isso pode ser resumido nas palavras de uma das entrevistadas, quando afirma que o centro de Campinas “está feio e por isso perde seus atrativos. Por que não podemos ter um centro bonito e atrativo, como temos ou vemos em outras cidades?” (Ana, 41-50 anos, 3-5 salários-mínimos, empregada doméstica).

### **Patrimônio cultural**

O centro de Campinas apresenta inúmeros remanescentes que retratam as marcas do processo de suas transformações sofridas ao longo do tempo. Apesar de configuraram-se como objetos culturais socialmente construídos, um dado chama a atenção: o patrimônio cultural presente no centro foi muito pouco mencionado pela maioria dos entrevistados. Verificou-se que o centro é basicamente reconhecido como local de consumo ou lembrado por seus problemas. As pessoas, sobretudo os mais jovens, demonstraram pouco conhecimento em relação ao patrimônio cultural presente no centro de Campinas. Na análise dos desenhos, esse desconhecimento também se comprovou, pois os mesmos apresentaram pouca exposição acerca da categoria.

Foram identificadas as seguintes subcategorias para análise e discussão acerca de patrimônio: templos religiosos (163), edifícios/monumentos (215), ruas/praças (67) e outros (44). Foi o grupo dos mais jovens (até 40 anos), independentemente de classe social e sexo, o que menos indicou elementos referentes à categoria patrimônio. A faixa de renda com salários-mínimos superiores a dez teve a maior representatividade.

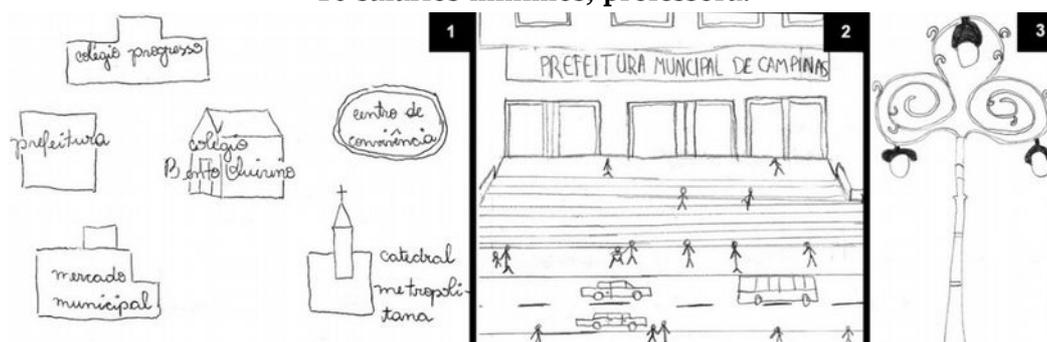
Com relação ao que mais gostam e ao que se perdeu no centro de Campinas, a Catedral Metropolitana foi mencionada 25 vezes e as igrejas, 5 vezes. No que tange a edifícios/monumentos, os prédios antigos e históricos tiveram 20 indicações. Com baixa frequência, num máximo de quatro, foram indicados: teatro demolido (Teatro São Carlos), Estação (Fepasa), Teatro Carlos Gomes,

monumentos, entre outros. No que se refere a “outros”, sete entrevistados se mostraram preocupados com a perda de tradição do centro, sua história ou arquitetura.

Na questão específica sobre a presença de bens culturais no espaço central, igrejas tiveram a menção de 122 inquiridos. A Catedral Metropolitana de Campinas foi lembrada por 90 entrevistados, a Igreja do Carmo por 9, a Igreja do Rosário por dois, a Igreja Universal por um e igrejas, de maneira geral, por vinte. Diante dos resultados, é suscitada a questão: as igrejas foram lembradas pelo seu valor histórico, artístico ou prevaleceu a religiosidade?

No que concerne aos desenhos elaborados pelos entrevistados, o patrimônio presente na região central de Campinas também foi pouco distinguido. Seis bens de grande importância estão evidenciados na Figura 9: Centro de Convivência, Catedral Metropolitana, Mercado Municipal, Prefeitura Municipal, Colégio Bento Quirino e Colégio Progresso. Apesar de representado simbolicamente, o desenho da Catedral destaca a torre de Igreja, um importante marco da paisagem local. Na imagem central são exibidas a escadaria de acesso e a praça defronte ao Palácio dos Jequitibás, sede da Prefeitura Municipal, usado como palco de constantes manifestações e protestos. Um mobiliário urbano – o poste de iluminação de ferro fundido – em frente ao prédio do Jôquei Clube, na Praça Bento Quirino, é destacado na imagem três da Figura 9.

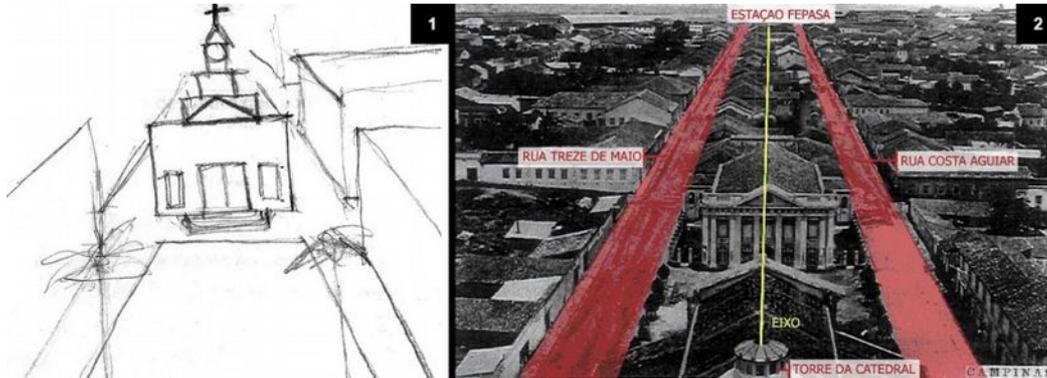
**Figura 9. Desenhos de Aline, Leonardo e Rosana – bens de valor cultural da cidade de Campinas. 1. Aline, 23 anos, 3-5 salários-mínimos, secretária; 2. Leonardo, 14 anos, 3-5 salários-mínimos, estudante; 3. Rosana, 41-50 anos, 5-10 salários-mínimos, professora.**



Na Figura 10, o Largo da Catedral, delimitado pelas construções altas do entorno, é registrado em primeiro plano no desenho de Sandra. A torre da catedral estabelece o início de um eixo com término na Estação Fepasa, paralelo ao traçado

das ruas Treze de Maio e Costa Aguiar, como se observa na foto estampada à direita.

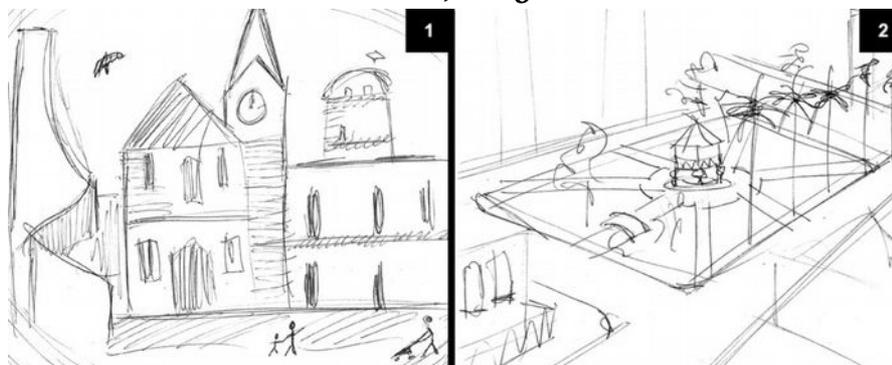
**Figura 10. Largo da Catedral e eixo Catedral-Estação Fepasa. 1. Desenho de Sandra, 39 anos, 5-10 salários-mínimos; 2. fotografia instituída por Oliveira (2012) com base no desenho de Sandra.**



Antes da verticalização do centro, as torres da catedral e da estação marcavam esse eixo e configuravam-se como marcos visuais da área central. Atualmente, as duas torres se ocultam no emaranhado de edifícios que delineiam a paisagem do centro. No entanto, o eixo de circulação permanece nas ruas Treze de Maio e Costa Aguiar.

O relógio, na Figura 11, leva a crer que o prédio da imagem se trata da Estação Fepasa, atual Estação Cultura, um importante exemplar remanescente do patrimônio ferroviário. O desenho de Júlio destaca a Praça Carlos Gomes, com seu coreto e uma série de palmeiras imperiais no canteiro central da Avenida Anchieta, limítrofe da praça.

**Figura 11. Desenhos de um homem e de Júlio – edifício da Estação Fepasa e a Praça Carlos Gomes. 1. Homem, 31-41 anos; 2. Júlio, 46 anos, 5-10 salários-mínimos, designer.**



Essas representações suscitam questionamentos sobre a maneira como o patrimônio e a memória têm sido preservados no tempo presente. Como destaca Nora (1993, p. 9),

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.

Mudanças, transformações e destruição, aos poucos, afetam a memória das pessoas e as afastam de sua origem, seu passado, suas lembranças. Nesse sentido, a pesquisa evidencia que não tem ocorrido “ressonância” (GONÇALVES, 2005) entre a população e os bens culturais que contam a história campineira. Isso nos suscita alguns questionamentos. Primeiramente, pronuncia-se aquela memória mais vinculada aos poderes hegemônicos e não a memória praticada nos discursos pelos que frequentam e vivem aquele lugar. Nesse sentido, o Estado poderia dar maior atenção para a memória praticada pelos habitantes do lugar, na busca de maior ressonância entre a população e os bens preservados. Segundo, deve-se ponderar se essa falta de ressonância não resultaria de ausência de educação patrimonial, evidenciando a necessidade de se trabalhar, na escala do planejamento urbano, a escala do pertencimento e dos enlaces afetivos com a população, para maior legitimação do patrimônio cultural, com vistas a reverter esse processo.

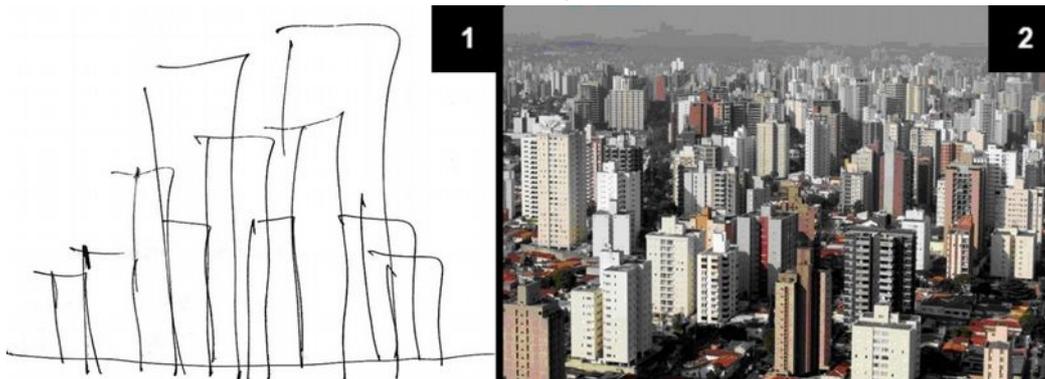
Outra hipótese seria a atribuição de um valor negativo ao lugar. Alguns bens situam-se na área da “Boca do Lixo”, uma área perigosa e violenta. A falta de uso do local contribuiu para a degradação física dos imóveis e, conseqüentemente, os valores históricos e sociais foram esquecidos ou colocados em segundo plano. Verificou-se que a área central, de maneira geral, sobretudo a região da “Boca do Lixo”, adquiriu um referencial negativo no imaginário da maioria dos habitantes, que passaram a se acostumar com a beleza, a riqueza, a segurança e a limpeza dos shoppings centers localizados em outras centralidades.

### **Verticalização**

A difusão da verticalização urbana, fenômeno cada vez mais presente e acelerado nas metrópoles brasileiras, causa interferência em diversos aspectos geográficos, a saber: mudanças formais e estéticas na paisagem, disputas de territorialidades, aumento das densidades de coisas e pessoas, crescimento urbano, segregação sócio-espacial, dentre outros. Isso acontece também na região central de Campinas. A verticalização fez com que a região central se adensasse, mesclando edifícios de alto e médio padrões, ocasionando diversos problemas urbanos.

Nas repostas aos questionários, quase não houve referências à verticalização. Porém, quando se olha para os desenhos elaborados, constata-se a sua presença no mapa mental de vários inquiridos, que a percebem como elemento responsável pelas modificações abruptas da paisagem da cidade. Para muitos, a verticalização é sinônimo de status e de modernidade.

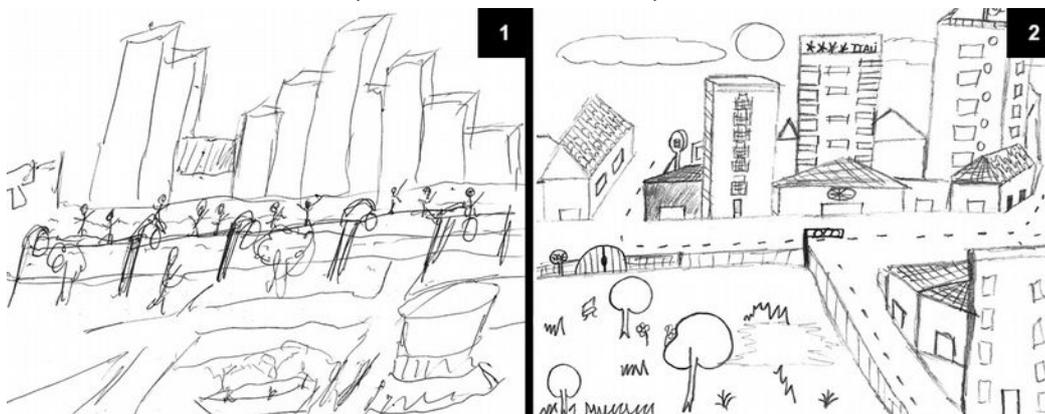
**Figura 12. Escalonamento diferenciado nas alturas das construções. 1. desenho de Eloísa, 40-50 anos, mais de 10 salários-mínimos, arquiteta; vista recente da verticalização de Campinas.**



Na Figura 12, o desenho de Eloísa simboliza o *skyline* da cidade, representado por uma série de prédios de diferentes alturas e evidenciando o escalonamento das construções, uma característica da área central, comparada com uma vista recente de verticalização da cidade.

A Figura 13 traz destaque aos vários edifícios altos que delineiam um *skyline* escalonado, esquematizado por um emaranhado de formas e alturas diferentes e uma sequência de fachadas com gabaritos diferenciados. A imagem de Daniel, estruturada a partir de três planos, apresenta na parte inferior uma praça e um coreto, no meio uma rua extremamente movimentada, com grande quantidade de pessoas circulando nas calçadas, cercadas de postes com fiação aparente, e ao fundo prédios, simbolizando a grande verticalização do local. A imagem da direita expõe o contraste que a verticalização impõe à paisagem, com a representação de várias casas térreas ao lado de edifícios elevados, de diferentes alturas e de diversos períodos de desenvolvimento da cidade, rugosidades que na atualidade coexistem no tecido urbano, em conformidade com a paisagem da região central. De acordo com Souza (1994), “a verticalização simboliza a própria identidade da metrópole, dentro do atual processo de globalização”. Ainda, no canto inferior esquerdo da imagem, o desenho revela uma praça que remete às áreas verdes do centro.

**Figura 13. Desenhos de Daniel e de uma mulher – referências à verticalização.**  
1. Daniel, 42 anos, mais de 10 salários-mínimos, engenheiro; 2. mulher, até 20 anos, 3-5 salários-mínimos, estudante.



Dentre os edifícios mais altos existentes na região central, destaca-se aquele que possui em seu topo um letreiro patrocinado pelo Itaú, que informa a hora e a temperatura do local. Esse prédio situa-se ao lado do Viaduto Cury e constitui um marco referencial do centro.

A análise dos desenhos define o contorno de um centro dominado pela verticalização que, além de representar a expansão em altura da área edificada, simboliza também a multiplicação e o adensamento do solo urbano. Souza (1994, p. 27) relata que a verticalização é resultante de “uma estratégia entre múltiplas formas do capital – fundiário, produtivo, imobiliário e financeiro, que cria o espaço urbano”. Rivière D’Arc e Memoli (2006) ressaltam que, na América Latina, a densidade urbana residencial, aquela que foi a arquitetura dominante segundo a história das cidades, foi substituída pela verticalização.

### Considerações finais

Os resultados da pesquisa apontaram que a criação de outras centralidades em Campinas não significou o esvaziamento do centro, mas uma mudança de perfil de usos e usuários que caracteriza a área central por uma ocupação viva, coletiva e heterogênea, estimulada pela densidade de pessoas e de fluxos dinâmicos e entrecruzados. Essa população, atraída pelo comércio, pelos serviços particulares e institucionais<sup>9</sup>, pelo encontro e pelo lazer, caracteriza o centro como um “lugar de consumo” e de “consumo do espaço” (LEFEBVRE, 1974). O lazer, como uma nova forma de consumo, foi eleito para a refuncionalização de inúmeras áreas centrais

9 Embora a Cidade Judiciária tenha sido construída fora da área central em 2005, levando tais serviços para fora do centro, a Prefeitura Municipal, o Fórum, cartórios, hospitais, o Poupatempo, entre outros, continuam atraindo muitas pessoas.

urbanas, mas não para o lazer das classes populares, como o mapeado aqui, o lazer do consumo cultural das elites.

A pesquisa confirmou também que a condição de mobilidade urbana no centro de Campinas é uma questão importante e ainda não resolvida pelo planejamento de intervenções pontuais. Apesar de ser cortado por vias de trânsito rápido, corredores viários e possuir conexão com todas as regiões da cidade e vice-versa, apresenta congestionamento intenso e crescente, sobretudo nos horários de pico. Organizar os fluxos na cidade e melhorar o acesso das pessoas ao que a cidade oferece tornam-se fatores essenciais para a mobilidade urbana no centro.

Entre os problemas urbanos, os que mais preocupam a população atualmente são a violência e seu contraponto, a segurança. Todos sentem-se vulneráveis em relação aos índices de criminalidade apresentados, principalmente, nas grandes cidades do Brasil, incluindo Campinas. A pesquisa identificou ainda que a falta de segurança no centro consiste em um dos fatores de estagnação de manifestações culturais no local e de impedimento na frequência de bares, restaurantes e espaços de cultura.

Os diversos problemas urbanos identificados pelos moradores e usuários, tais como deficiências do sistema de transporte, congestionamentos, multidões, falta de conservação dos edifícios, concentração e desigual distribuição de equipamentos, aumento dos índices de poluição, pichação, violência, entre outros, enfatizam aspectos considerados desagregadores da área central. Esses problemas retratam o quadro que caracteriza o cotidiano de outras grandes metrópoles da América Latina, considerando-se os indicadores sociais, econômicos e demográficos.

Sobre a preservação do patrimônio cultural, verificou-se a necessidade de políticas integradas, vinculadas às outras esferas do planejamento urbano, de modo a não se restringirem à salvaguarda das formas, mas sim estarem articuladas às políticas sociais, habitacionais, de segurança, infraestrutura, circulação, embelezamento urbano e uso do solo, entre outras que integrem a renovação urbana, de melhores condições de vida e equidade social à preservação da memória vivida do lugar.

## Referências

- ARANTES, A. A. *Paisagens paulistas: transformações do espaço público*. Campinas; São Paulo: Ed. Unicamp; Imprensa Oficial, 2000.
- BACCHETTI, B. *Revitalização da Glicério será entregue na quinta-feira*. Correio Popular, 28 jun. 2016. Disponível em: <[http://correio.rac.com.br/\\_conteudo/2016/06/campinas\\_e\\_rmc/436026-revitalizacao-da-glicerio-sera-entregue-na-quinta-feira.html](http://correio.rac.com.br/_conteudo/2016/06/campinas_e_rmc/436026-revitalizacao-da-glicerio-sera-entregue-na-quinta-feira.html)> . Acesso em: 11 nov. 2016.
- BAUDRILLARD, J. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BERDOULAY, Vincent; PAES, M. T. D. *Imagem e patrimonialização em planejamento urbano*:

- Salvador (Bahia, Brasil) e Bordeaux (França) em perspectiva. *Revista Cidades - imagens da cidade*, Presidente Prudente, v. 5, n. 7, 2008.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FERRARA, L. D. *Os significados urbanos*. São Paulo: EdUSP; FAPESP, 2000.
- FÉLIX, L.; VERZIGNASSE, R. *Boca do lixo expõe a decadência do centro*. Correio Popular, 2010.
- GALLACCI, F. *Violência impõe toque de recolher no Centro*. Correio Popular, 23 mai. 2010.
- GUEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.
- GOMES, P. C. C. Espaços públicos: a cidade em cena (I). A fabricação do filme. O relato de uma aventura. *Espaço Aberto*, Rio de Janeiro, PPGG/UFRJ, v. 1, n. 2, 2011, p. 9-22.
- GONÇALVES, J. R. S. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônio. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 23, 2005, p. 15-36.
- IBGE – Cidades. @ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2016. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=350950&search=sao-paulo|campinas>. Acesso em: 11 nov. 2016.
- JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- KOZEL, S. Resignificando as representações do espaço: as linguagens do cotidiano. In: Encontro de Geógrafos da América Latina, X, 2005, São Paulo. *Anais...* São Paulo, 2005, p. 7283-7296. CD.
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Ed. Moraes, 2001.
- LEFEBVRE, H. *La production de l'espace*. 4. ed. Paris: Ed. Anthropos, 2000.
- LIPOVETSKY, G. *A felicidade paradoxal*. Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcs/v17n49/a02v1749.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2011.
- MAGNANI, J. G. C. Etnografia urbana. In: FORTUNA, C.; LEITE, R. P. (orgs.). *Plural de cidades: novos léxicos urbanos*. Coimbra: Almedina, 2009.
- MELGAÇO, L. M. Território em atrito: a violência sob o olhar da complexidade dialética. In: SOUZA, M. A. A. (org.). *A Metrópole e o Futuro: Refletindo sobre Campinas*. Campinas: Territorial, 2008.
- NIEMEYER, A. M. Desenhos e mapas na orientação espacial: pesquisa e ensino de antropologia. *Textos Didáticos*, Campinas, n. 12, 1994.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*, São Paulo, PUC-SP, n. 10, 1993, p. 7-28.
- OLIVEIRA, M. R. S. *Intervenções urbanas e representações do centro da cidade de Campinas/S.P.: convergências e divergências*. 2012. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- RIVIÈRE D'ARC, H.; MEMOLI, M. (dir.). *Le pari urbain en Amérique Latine – vivre dans le centre des Villes*. Paris: Armand Colin, 2006.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: EdUSP, 2001.
- SILVEIRA, M. L. A cidade, feixe de razões e temporalidades. *Transversalidades 2015 – Fotografias sem fronteiras*. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, 2015.
- SOUZA, M. A. *A Identidade da Metrópole*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- STEGANHA R. *Homicídios em Campinas caem, mas seguem acima do "aceitável" pela ONU*. Globo.com – G1, 12 jul. 2014.

## Sobre as autoras

*Melissa R. da Silva Oliveira:* arquiteta, doutora em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professora do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Anhembi Morumbi.

*Maria Tereza Duarte Paes:* geógrafa, doutora em Ciências Sociais e professora do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É bolsista produtividade do CNPq.

\* \* \*

### ABSTRACT

#### **Social representations of an urban center, Campinas (SP, Brazil) – methodological pathways**

Considering the reflection about the current process of refunctionalization of urban centers, the purpose of this paper was to analyze the data obtained from a survey about the urban space in the downtown of Campinas (São Paulo - Brazil). The research focused on studying the interventions and representations of space identified in drawings elaborated by residents and users in their experiences of everyday space. We synthesize here our methodological course, the analysis and the interpretation resulting from this material collected in fieldwork. The analysis allowed us to identify six categories which integrate conceptual and empirical research: consumption, circulation, leisure, urban problems, cultural heritage and verticalization. From this perspective, the purpose of this paper was to contribute to an approach of human geography with primary data.

**KEYWORDS:** representation, center, urban, Campinas.

### RESUMEN

#### **Las representaciones sociales de un centro urbano, Campinas (SP, Brasil) - enfoques metodológicos**

A partir de la reflexión sobre el actual proceso de refuncionalización de las áreas centrales urbanas, este artículo presenta los resultados de una investigación llevada a cabo en la zona central de la ciudad de Campinas (São Paulo - Brasil). Con base en las representaciones del espacio identificadas en las entrevistas con los residentes y usuarios del centro de la ciudad, aquí se resumen nuestro enfoque metodológico, el análisis y la interpretación resultante de este material colectado en el trabajo de campo. Los resultados permitieron identificar seis categorías que hacen la integración de la investigación conceptual y empírica: el consumo, la circulación, el ocio, cuestiones urbanas, patrimonio cultural y verticalización. Con la finalidad de contribuir a un acercamiento de la geografía humana con los datos primarios, organizamos el siguiente artículo.

**PALABRAS CLAVE:** representación, centro, urbano, Campinas.

 **BCG:** <http://agbcampinas.com.br/bcg>